

“RESPONDA, CADÁVER!”, OU EPHIS NO TEMPO DO FIM

Wemerson F. Gomes

Mais um ano, mais um EPHIS, e, sem dúvida alguma, uma edição especialmente marcante. Tivemos a alegria e o privilégio de aprender com a professora Jeanne Marie Gagnebin. Curiosamente, “Tempos Sombrios” – título da fala da professora – foi o tema do VIII EPHIS, “História em tempos sombrios”, realizado em 2019. A percepção de que vivemos “tempos sombrios” tem, desde então, ecoado ao longo dos anos e se materializa no tema do evento deste ano: “Narrar o tempo do fim”. De certa forma, os tempos têm sido sombrios precisamente porque temos sido confrontados com a necessidade de encarar e de narrar o fim.

O que talvez ainda não soubéssemos é que, durante todo esse tempo, nas entrelinhas do fim, falávamos também, e sobretudo, de nós mesmos. Sintomaticamente, o lema das últimas comissões organizadoras tem sido: “não podemos deixar o EPHIS morrer”. Se os tempos têm sido sombrios porque tempos de encarar o fim – “tempos de absoluta depuração”, como diria Carlos Drummond de Andrade –, é tempo, também, de dar forma concreta a essa inquietude que ano após ano apenas se insinua. É preciso saber encarar o fim; é preciso saber dizer sem medo: “talvez seja tarde demais”, “talvez o EPHIS já tenha morrido diante dos nossos olhos”.

É curioso, mas a morte do EPHIS talvez tenha que ver, justamente, com a nossa maior virtude. Um professor disse outro dia, certo que sem nenhum ressentimento, que o EPHIS é um evento megalomaniaco. E é verdade. Enquanto várias instituições têm uma semana de história local, o EPHIS – um evento organizado por e para estudantes –, ousou, ao se inventar, ser regional, e foi; ousou ser

nacional, e foi; ousou ser internacional, e foi também. Como tudo isso foi possível? Como tudo isso é possível? Não sei; só sei que tem sido assim. Mas, de fato, o tempo agora é outro – “tempo de absoluta depuração” –, e a ousadia que nos trouxe até aqui é, contraditoriamente, o que nos tem levado à morte. No entanto, se toda essa retórica fúnebre e mortuária tem alguma coisa de verdade, eu insistiria que a questão central talvez não seja morrer, porque temos morrido; a questão central talvez seja o que exatamente significa morrer.

Marcos Siscar, poeta e crítico literário, professor da Unicamp, tem um ensaio notável em que discute a posição paradoxal da poesia moderna. Para ele, o diagnóstico de que a poesia não ocupa mais um lugar importante do ponto de vista das trocas simbólicas – ou seja, a morte ou a crise da poesia – vem acompanhado pela demanda de que a poesia ocupe esse lugar: é um gesto ambíguo, em que aquilo que se diz morto é instado a responder como se fosse vivo. Posição que, em diálogo com a poesia de Baudelaire, ganha forma na expressão, igualmente notável, “Responda, cadáver!”. “Responda, cadáver!” é uma expressão interessante para pensar a posição paradoxal ocupada também pelo EPHIS. O EPHIS é um cadáver ao qual, continuamente, instamos que responda às questões do nosso tempo. O extraordinário é que o EPHIS responde. Ano após ano, o EPHIS ressuscita das ruínas do evento anterior e diz, em um movimento verdadeiramente clariceano, “Agora, eu estou morto, vamos ver se ressuscito”. A virtude do EPHIS tem sido ressuscitar, ou seja, habitar a sua própria informidade.

Nesse sentido, eu insistiria que o afeto central experimentado por todas as comissões do EPHIS tem sido o desamparo. Estar desamparado é não ter em que se amparar, mas estar desamparado é também não estar constrangido por nada e, portanto, é estar absolutamente disponível a inventar o impossível – gesto megalomaniaco, é verdade, mas virtude de quem não tem medo de dar nome ao que ainda não existe. O mais profundo

desamparo convoca, então, uma forma radical de esperança. O EPHIS é, sobretudo, uma forma da esperança. Não uma esperança otimista que acredita que o futuro se realizará conforme a vontade, mas uma esperança que é força suficiente capaz de afetar a partir das ruínas. “Responda, cadáver!”. E o cadáver responde. Assim, se esta Comissão aprendeu alguma coisa com o evento deste ano; se temos alguma coisa a dizer às próximas comissões, talvez seja que não precisamos mais temer a morte do EPHIS, mas, sim, cultivar a esperança que é sempre e apesar de tudo poder continuar.

Nos vemos no próximo EPHIS.

Muito obrigado.